

# Sinceridade e Sincericídio

Recentemente entrei em contato com um novo vocábulo da língua portuguesa, o sincericídio. Ao passo que a sinceridade se constitui em uma qualidade desejável e admirada, a sua utilização extremada não possui as mesmas características. O sincericídio é a manifestação do excesso de sinceridade, uma compulsão a falar a verdade em qualquer lugar independentemente de suas consequências, inclusive, em situações em que o convívio social não a pede e até a repele.

Algumas pessoas acreditam, ingenuamente, que expor seus pensamentos a todo momento é um traço de caráter, entretanto, dependendo do caso, além de atestar um problema de inadequação considerável, constitui-se em uma forma de suicídio social. Quando alguém nos pede uma opinião nem sempre deseja que esta seja sincera, além disso, a momentos em que mentir pode possuir um efeito calmante e confortador. Em muitos desses episódios a mentira é óbvia, mas é o que a pessoa deseja ou precisa ouvir. É o caso de perguntas que envolvem a aparência, o estado de saúde, a qualidade de um trabalho, em todos esses casos e em muitos outros, a sinceridade precisa ser dosada cuidadosamente.

A sociedade não existiria se fosse fundada na verdade plena. Esquecendo-se o fato de que não existe nada completo no mundo real, nem a verdade, que depende da acuidade dos poderes de percepção do observador, é bom relembrar que as regras implícitas de convivência são infensas ao excesso de autenticidade. Em nosso meio a franqueza é superestimada. Se possuíssemos capacidades telepáticas que nos permitissem ouvir os pensamentos uns dos outros, nosso planeta seria um celeiro de eremitas, pois as pessoas procurariam se distanciar umas das outras o máximo possível. Não é da natureza humana se banhar em veracidade, nos adquirimos uma certa tolerância, mas seu uso em demasia funciona em nossa psiquê como um veneno em nosso corpo. Não só somos desprovidos da capacidade de tolerar a exatidão de certas informações, sobretudo sobre nós mesmos, mas também sua extensão.

Quando algum conhecido nos encontra e pergunta como estamos, não deseja ouvir toda a história dos últimos meses ou anos de nossas vidas, na realidade já se espera uma resposta

padrão: "Vou bem, obrigado!". Qualquer coisa além disso já se constitui em informação demasiada, mesmo que você tenha sido o único sobrevivente da última queda de avião registrada no Jornal da Globo. Há exceções, mas essa é inegavelmente a regra de ouro das relações humanas: mentir, ou, no mínimo, omitir.

Esse é sem dúvida um terreno pantanoso. Na política, por exemplo, a sinceridade parece ser fatal, não que a falta dela também não o seja (quando descoberta). Não conseguir distinguir a exata dosimetria, o momento e o local para ser verdadeiro já destruiu mais campanhas do que a maioria dos escândalos nos quais muitos desses representantes já se envolveram ao longo de suas, muitas vezes, vergonhosas carreiras. É estranho defender que seja necessário ter bom senso ao se dizer a verdade, mas esse é um fato que a vida insiste em reafirmar. Nessa área é mais fácil ser abatido falando-se de forma genuína do que sendo evasivo e evitando revelar mais do que o receptor da mensagem está apto a absorver. Já dizia o adágio popular: "Quem guarda sua boca, guarda sua alma!".

Aproveitando o ensejo dos adágios há outro que sugere até uma intenção divina para que a sociedade possa existir em meio a essa dinâmica de mentiras, é ele: "Deus deu ao homem a palavra para encobrir seu pensamento!". Essa parece ser a fórmula que rege o desenvolvimento das relações intersubjetivas. Esse posicionamento pode ser contramajoritário, entretanto, embasado na observação é facilmente defensável.

Podemos dizer que é apenas por poder guardar segredos ou omitir verdades que foi possível ao ser humano se tornar um animal gregário. Alguma das elaboradas emoções que nos confere o nosso cérebro faz com que não estejamos prontos para a fidedignidade das opiniões que os outros possuem sobre nós. Possivelmente o orgulho ou outro sentimento que seja desencadeado como subproduto deste.

Dessa forma, quando algum amigo utilizar aquela expressão que enuncia o fato de um raio não cair duas vezes no mesmo lugar, resista a tentação de corrigi-lo. Ao invés de rechaçar o argumento que fere princípios basilares do eletromagnetismo, pois uma vez ionizado o caminho percorrido pelo relâmpago, a descarga elétrica cai, não duas, mas diversas vezes naquele local em frações de segundo; lute contra a vontade de explicar que ele não vê as inúmeras ocasiões em que o fenômeno acontece por este ocorrer na velocidade da luz e, principalmente,

enfrente o desejo de dizer a ele que deveria estudar mais antes de abraçar o conhecimento popular com tanta leviandade.

Por tudo isso parece imanente à condição humana que sejamos, pelo menos em algum grau, mentirosos compulsivos. A densidade com que nosso discurso é impregnado dessa necessidade deve ser balizada pelo bom senso de cada um e este, uma vez confrontado com os valores do homem médio, será lido pela sociedade como um ato normal enquanto estiver dentro de certo intervalo e como doença quando fora deste. Neste contexto, tanto o excesso, quanto a ausência total de mentiras constituiriam uma enfermidade psicológica a ser tratada. Em última consideração, MINTA um pouco se quiser viver em sociedade e ser considerado um de seus membros saudáveis.